

CGTP cultura

INTERSINDICAL NACIONAL

CGTP CULTURA > FICHA TÉCNICA > Redacção, Gráfica, Paginação e Impressão CGTP-IN > Director: Fernando Gomes > N°7 > Fevereiro 2008

EDITORIAL

O boletim que agora publicamos surge nas vésperas de mais um Congresso da CGTP-IN. Uma altura em que proliferam os balanços, os relatórios de actividade, uma altura de reflexão, uma altura em que se reequacionam estratégias, se redefinem objectivos e outros se determinam.

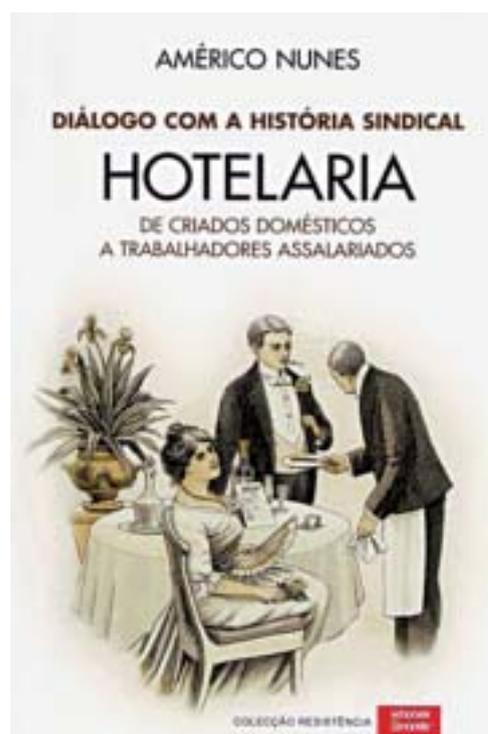
É também, portanto, um momento oportuno para que se avalie e reanime a discussão em torno do papel da cultura no Movimento Sindical.

Seríamos injustos se menosprezásemos o trabalho que, embora pontualmente e sem uma visão de fundo que sustente essa mesma actividade, se tem vindo a realizar.

Contudo, consideramos fundamental proceder-se a



um trabalho de sensibilização junto de dirigentes e funcionários, chamando a atenção para a importância de determinados aspectos, aparentemente tão óbvios. Aos órgãos sindicais são inerentes responsabilidades essenciais perante a massa de trabalhadores que representa. Não será o incentivo à prática e fruição cultural e a preservação e valorização da memória



e património que os trabalhadores unidos nos legaram ao longo dos anos de actividade sindical uma dessas responsabilidades essenciais?

Duas obras recentes surgem como valiosos contributos para aquele objectivo. Desde logo, o livro de Carvalho da Silva *Trabalho e Sindicalismo em Tempo de Globalização*, que constitui um estudo desenvolvido e de grande rigor científico, sustentado na análise das profundas mudanças operadas no mundo do trabalho, na afirmação da centralidade do trabalho e no papel do sindicalismo no actual quadro de globalização.

O de Américo Nunes pelo que representa ao nível da valorização do património sindical, que importa estudar e divulgar.

Debater, sensibilizar, planejar, agir e assumir responsabilidades são as palavras de ordem.

O Movimento Sindical, inseparável da sociedade que representa e onde se insere, deve, pois, pugnar por uma estratégia de desenvolvimento que assente numa base cultural sólida.

Fernando Gomes

O acesso à vivência cultural, à fruição da arte, tal como à experimentação e produção criativa fazem parte inalienável do direito à educação pelo que “a escola deve assegurar a igualdade de oportunidades no sentido de uma democratização da cultura”.

Situar a educação na contemporaneidade implica reconhecer que a arte e a cultura estão no centro da mudança do paradigma que conduz a uma racionalidade aberta, a formas saudáveis de confrontação com outras realidades, à construção e à valorização de novas formas do saber e do sentir.

As políticas educativas actuais não podem ignorar que tal como o conhecimento científico e o avanço tecnológico, o desenvolvimento artístico e as cat-

egorias do discurso estético são produtos culturais. A sensibilidade educa-se, a inspiração adquire-se, a crítica constrói-se, numa palavra, a arte aprende-se, a cultura vive-se na relação entre o presente e o ausente tanto passado como futuro.

A relação directa com a obra de arte ou com o produto cultural, o prazer da experimentação criativa, a surpresa dos resultados e a partilha de conhecimentos e emoções transformam a visita à exposição, a ida ao espectáculo, a participação numa oficina e a reflexão sobre o sucedido em momentos significativos de aprendizagem tanto a nível individual como colectivo.

A vivência artística e cultural constitui o elemento essencial do processo educativo na medida em que permite o retorno ao passado, o encontro com os desafios do presente e a antecipação do futuro.

A universalidade das linguagens artísticas e culturais é, por si, facilitadora de vivências em comum e a sua diversidade deve funcionar como suporte de uma relação dialógica construtiva, compreensiva e solidária. Na actualidade, os contrastes, os excessos, a multiplicidade de experiências, a excitabilidade sensacionalista, o ritmo vertiginoso dos acontecimentos, a standartização dos modelos e a contaminação dos interesses materiais podem conduzir facilmente a uma imagem estilhaçada da vida e do mundo, à ideia de uma fragmentação social e à

opção por formatos existenciais individualistas e patológicos.

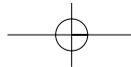
A educação estética e cultural ajuda a definir uma ética relacional que permite a cada um confrontar-se com a diversidade sem esses efeitos preversos.

Educação artística e cultural implica educar a sensibilidade, despertar o sentido crítico, descobrir as potencialidades expressivas individuais, apelar à necessidade de um trabalho de reflexão pessoal e colectiva, facilitar a comunicação com os outros e a integração social.

Mais do que o nível atingido nas áreas curriculares, do que o grau académico e a especialização profissional, é através da educação artística e cultural que se adquirem competências comportamentais indispensáveis ao desempenho pleno da cidadania global, colocando cada indivíduo em relação a si próprio, ao grupo em que está inserido e à Humanidade.

Parece-nos por isso urgente chamar a atenção para a necessidade de um plano educativo e cultural válido e coerente a desenvolver dentro e fora da escola com parceiros responsáveis nos domínios da educação da arte e da cultura e que promova o direito de “participação livre e plena na vida cultural e artística em situações de igualdade”.

Natália Pais



DEPARTAMENTO DE CULTURA E TEMPOS LIVRES DA CGTP-IN

CGTP cultura

CRÍTICA LITERÁRIA

O ETERNO EFÊMERO, de Urbano Tavares Rodrigues

Desde *A Porta dos Limites*, de 1952, livro de estreia, até *O Eterno Efêmero*, Urbano Tavares Rodrigues já publicou 40 textos de ficção, 22 livros de ensaio, crítica e antologias, 16 de crónicas e memórias de andarilho. Uma vida de livros, portanto. Uma vida a abrir-nos portas e janelas para os ilimitados espaços da cultura, da reflexão, do pensamento e do sonho, em chão armadilhado de pátria nem sempre atenta e, em largos períodos da nossa história contemporânea, refractária à inteligência criadora e aos sortilégios do imaginário e da língua.

Com Urbano e outros autores da sua geração como Augusto Abelaira, José Cardoso Pires, Carlos de Oliveira, David Mourão-Ferreira, Natália Correia, habituamo-nos a pensar o país, a sabê-lo possível de esperança, com outras coordenadas que não o das discursatas estreitas e lúgubres do salazarismo, o cinzento dos dias vigiados, a fome nos campos do Alentejo, o destino de uma guerra a eternizar-se em África ou o exílio forçado em terras de França. Com Urbano aprendemos o outro lado do espelho, o sonho possível e, sobretudo, a descodificar os mecanismos de cerco e a resistir. Estabelecemos, através do atento olhar do escritor, uma relação existencial, no sentido sartreano, com o mundo e com os afectos.

Hoje, 33 anos volvidos sobre a madrugada que sonhámos, quando nos querem um país alinhado com o clube dos ricos, embora pouco entusiasmados com a evidência dos nossos limites geográficos e dos proventos dessa mirífica visão, sentindo no corpo os lanhos de sistemática castração cultural e identitária (e a Europa aceita-nos como um imponderável, tia velha e gaiteira que é necessário manter a recato, com côdeas, em redil vigiado, não vá dar-lhe outra vez na tonta das farras revolucionárias e espalhar a peste e o desassossego em suas sobressaltadas noites), os senhores que se vão revezando nas cadeiras do poder, têm vindo meticolosa e paulatinamente a criar novas formas de cerco e de opressão, indolores é certo e, por enquanto, apenas sugeridas mas já evidentes em alguns preocupantes sinais, muito mais eficazes do que as usadas pelos seus rudes e ultramontanos

antepassados. As novas tecnologias, se servem para libertar o homem, para lhe facilitar as tarefas quotidianas, para o ligar ao mundo, servem igualmente para o vigiar, para o controlar, para o submeter.

As novas regras, a nova sujeição planetária, está ao alcance de uma simples ligação online. Esse novo e pouco admirável mundo, que Orwell já denunciava, está agora disponível e à mão de todos os tiranos, tiranetes e sucedâneos, estejam no Pentágono, em Bruxelas, ou nos alcatifados bunkers modernos da banca e das multinacionais.

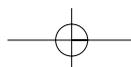
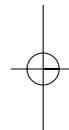
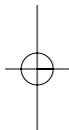
É deste universo subterrâneo, desta lepra invisível, desta tentacular estratégia (qual cibernético e global ovo de serpente, despojado da subtilidade metafórica bergmaniana) que Urbano nos fala neste *O Eterno Efêmero* e que vem desde *Deriva*, passando por esse grito de revolta e indignação, certo e corajoso de denúncia que é *God Bless América?*, que o sarcasmo do título clarifica e amplia.

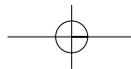


Urbano Tavares Rodrigues é um escultor da língua. O verbo do autor de *Nunca Diremos Quem Sois*, se estua ao rés da fala percepcionável do espaço citadino, ou na dolência redonda e cantável do seu Alentejo natal, transmuda a palavra para os recônditos universos do belo e da poética essenciais. É, igualmente, o escritor do corpo, da sedução, do amor e dos afectos, dos encontros e desencontros dos amantes. Urbano neste seu romance *O Eterno Efêmero*, dá-nos a plenitude dessa escrita, o verbo maduro e impressionante – uma identidade sem mácula a construir-se na mais sedutora arte da palavra da nossa literatura contemporânea.

**Urbano Tavares Rodrigues – *O Eterno Efêmero*,
de Urbano Tavares Rodrigues, 2ª ed. Lisboa:
Edições D. Quixote, 2006**

Domingos Lobo





DEPARTAMENTO DE CULTURA E TEMPOS LIVRES DA CGTP-IN

LEITURAS

Diálogo com a História Sindical: Américo Nunes

Américo Nunes, ex-sindicalista, dirigente da CGTP-IN durante vários anos, publicou no passado mês de Setembro a obra mencionada em epígrafe. A editora «Avante!» juntou à sua colecção Resistência mais esta obra.

Este trabalho apresenta-se como uma narrativa das principais etapas que marcaram a evolução do Movimento Sindical Português, nomeadamente no que respeita «[...] à constituição de associações na hotelaria, seus fins, respectiva linha ideológica, às suas alterações organizativas, de orientação política e de poder.» , sem esquecer «[...] as lutas e reivindicações dos trabalhadores em cada época, alguns elementos dos contextos socio-políticos em que ocorrem, as vitórias, as derrotas e os resultados obtidos em direitos e para a melhoria das condições de trabalho e de vida dos trabalhadores e das suas famílias.»

Mas, mais do que uma narrativa, a obra assume-se também como um «Diálogo com a História Sindical», tal como se indica no próprio título. Um diálogo que arranca com a premissa de que «Ficará provado que vale a pena lutar.», um diálogo que se manifesta nas diversas alusões e perspectivas comparativas entre o passado e o presente das lutas sindicais, salientando-se, sobretudo, as continuidades, e que parece ter como resultado a seguinte conclusão: «O contexto social e político, económico e cultural tiveram cem anos de alterações profundas. Os meios e os métodos de afrontamento dos antagonismos entre os interesses do trabalho e do capital também se alteraram e sofisticaram. Mas as razões e objectivos de trabal-

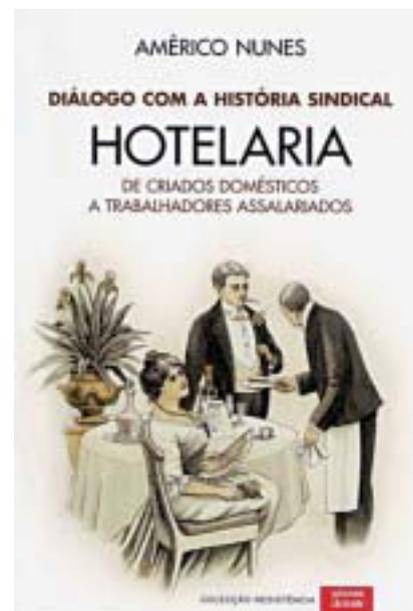
hadores e patrões continuam iguais, e o motor da luta de classes a ser o mesmo. Uns exploram, outros são explorados.» Para dar sentido a este diálogo, o autor entremeia, frequentemente, a narrativa com incursões na actualidade sindicalista, fazendo referência à evolução da problemática em apreço e ao estado em que a mesma se encontra em períodos posteriores ou mesmo no presente. Estas considerações mostram que algumas das questões por que se batiam os trabalhadores de então permanecem actuais e que a postura do patronato e do Governo pouco evoluiu durante o último século quanto à intransigência com que encaram as reivindicações dos trabalhadores.

O texto é ainda pontuado por várias referências que aos olhos de hoje poderão parecer de pouca monta, irrelevantes ou insignificantes, mas que constituiram importantes reivindicações. Por exemplo, a polémica obrigação de cortar os cabelos, que a certa altura grande parte do patronato pretendia impor aos criados de hotel, «[...] deu origem ao segundo processo de negociação colectiva conhecido em Lisboa.» .

A obra abarca um período que medeia entre 1907 e 1935 e está estruturada em quatro capítulos: A Fundação do Sindicato (1907-1913); A Guerra. A Carestia de Vida. Um Sindicalismo pela Paz. O Reformismo no Sindicato (1914-1921); A Aventura Anarquista, as Internacionais, a Divisão (1922-1926); O Começo da Longa Noite Fascista (1926-1935).

Atrevo-me, e penso que o autor me não censurará por isso, a afirmar que este trabalho, para além do mérito ao nível da pesquisa e do labor da escrita, merece ser

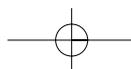
destacado pelo exemplo e pelo simbolismo que lhe estão intimamente ligados. Ou seja, exemplo de um sindicalismo responsável, atento à sua história e aos ensinamentos que dela se podem inferir e, portanto, que tende a valorizar o seu património histórico, os seus arquivos, a sua memória; símbolo de uma (almejada) mudança no que se refere à forma como se encara a memória sindical, a sua valorização e divulgação e um importante contributo para o



diálogo que se pretende, e se impõe, reavivar, sobre o binómio sindicalismo/ cultura.

Américo Nunes, Dialogo com a História Sindical: Hotelaria: de Criados Domésticos a Trabalhadores Assalariados, Lisboa; Editorial "Avante", 2007 (Colecção Resistência). ISBN: 972-550-326-3

Filipe Caldeira
Técnico Superior de Arquivo
Centro de Arquivo
e Documentação
CGTP-IN



Comentário ao Livro de Manuel Carvalho da Silva

Trabalho e Sindicalismo em Tempo de Globalização

A globalização que tem vindo a abalar o mundo nas últimas décadas já se tornou um tema recorrente nos debates entre os cientistas sociais e os actores políticos de todo o mundo. A recente obra de Manuel Carvalho da Silva (MCS) é um caso exemplar de uma análise sobre essa temática, que cumpre cabalmente um requisito decisivo da boa investigação sociológica: cruza um quadro teórico e analítico conceptualmente rigoroso com uma experiência prática de envolvimento no terreno do sindicalismo com mais de duas décadas. Na primeira parte do livro, MCS sintetiza e discute um conjunto de autores e teorias actuais, apoiando-se neles para demonstrar aspectos tão relevantes como a centralidade que o trabalho continua a ocupar nas sociedades actuais, não obstante as tendências em curso que têm vindo a fragmentá-lo, promovendo a precariedade do emprego, o sub-emprego e o desemprego, num processo de mudança cuja incidência transcende o campo laboral e atinge toda a sociedade. O aprofundamento das desigualdades sociais e o impacto destrutivo que tais tendências revelam sobre as formas de acção colectiva e o movimento sindical constituem um amplo campo de reflexão de que o autor nos dá conta, mostrando a natureza estrutural do neoliberalismo, o papel das tecnologias, a importância do desenvolvimento e do processo de modernização, e o modo contraditório como os seus efeitos perversos atingem as condições de vida e de trabalho dos assalariados e os seus direitos.

A segunda parte é centrada na análise destas transformações com base em três “estudos de caso” inseridos em sectores importantes da economia portuguesa, tais como a Grundig/ Blaupunkt (metalomecânica), a nova Penteação/ Fiação da Covilhã (têxtil) e o grupo Portugal Telecom (telecomunicações), que exprimem realidades distintas mas que fornecem ao autor interessantes campos de análise, reflexão e caracterização dos processos de fusão, falência e reestruturação orgânica das empresas, formas de acção colectiva das estruturas sindicais, seguindo sempre uma linha de análise preocupada em conjugar os diferentes casos com a realidade nacional e internacional. Recorrendo quer a metodologias qualitativas quer quantitativas, nomeadamente através de um inquérito, evidencia-se com abundante informação empírica a vitalidade e a centralidade do trabalho, bem como a permanente busca de respostas e de novas saídas transformadoras por parte dos diferentes actores – com especial destaque para as organizações sindicais – integrantes de uma realidade complexa e profundamente conflitual como é o campo laboral. Além da própria confederação CGTP-IN, que é objecto de um balanço rigoroso desde a sua fundação até ao presente, passando pelo período do 25 de Abril, também a realidade social e sindical europeia, o Estado social e a sua crise, ocupam um largo espaço no livro de MCS. Em todos estes domínios fica clara a preocupação do autor em perceber as novas linhas de complexidade social e diagnosticar novas tendências, deste modo recusando as ideias feitas e as certezas dogmáticas que minam a acção colectiva e a impedem de ser eficaz. O carácter especial desta obra

sociológica resulta pois, em boa medida, do duplo papel em que se encontra o autor: o de sindicalista



e o de sociólogo. A importância da sua trajetória pessoal é abertamente assumida perante o leitor. Para além das suas origens é justo enaltecer a decisão de MCS em avançar para um curso superior – quando já era uma figura pública de primeiro plano – e em particular o sentido de responsabilidade, a dedicação e até a humildade com que abraçou e concluiu essa tarefa. A tese de doutoramento, e o imenso trabalho que tal significou – e que fica claramente demonstrado nesta obra – evidenciam ainda mais o objectivo de estudar com rigor científico as profundas mutações da sociedade para compreender o lugar do trabalho e os desafios do sindicalismo no actual quadro de globalização. Esse objectivo foi largamente cumprido e os resultados do presente livro são a prova disso.

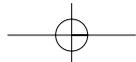
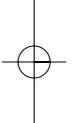
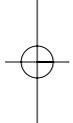
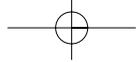
Elísio Estanque
Sociólogo, Centro
de Estudos Sociais
Faculdade de Economia
da Universidade de Coimbra

CGTPcultura

DEPARTAMENTO DE CULTURA E TEMPOS LIVRES DA CGTP-IN

PÁGINAS COM HISTÓRIA





Marchas, Danças e Canções,
de Fernando Lopes-Graça, 3.^a edição
da CGTP-IN em apresentação,
em Vila Franca de Xira, no Museu
do Neo-Realismo

Escreve Graça Soares Nunes, em texto denominado "A Renovação do Museu do Neo-Realismo", inserido no catálogo *Batalha pelo Conteúdo – Exposição Documental/Movimento Neo-Realista Português*: "O Museu do Neo-realismo tem o propósito de dar a conhecer um movimento cultural surgido a partir dos anos 30 do século XX, com grandes incidências na vida sócio-cultural e política do país, cujos testemunhos enformam e constituem um vastíssimo e rico património documental, artístico e literário, que é necessário continuar a recolher, estudar, conservar, comunicar e divulgar. [...] O Museu não se esgota no trabalho de recolha [...], assumindo-se como um centro interpretativo que inclui a investigação não encerrada da temática neo-realista, destacando-se a função de comunicação do museu, estabelecendo-se uma forte ligação com os diferentes públicos."

Inserido no mesmo catálogo, lembra-nos David Santos, Coordenador do Museu, no texto de apresentação: "[...] Batalha Pelo Conteúdo – movimento neo-realista português ocupa a totalidade dos pisos 2 e 3 do novo edifício, estando a sua centralidade museológica necessariamente relacionada com a apresentação do movimento neo-realista português nas suas

diversas áreas de intervenção interdisciplinar: literatura, artes plásticas, música, teatro e cinema. [...] é dado o destaque necessário ao contexto histórico-social da época, considerada sobretudo entre os anos 30 e meados da década de 70, acentuando dessa forma uma relação com os momentos essenciais do regime político do Estado Novo, período no qual o movimento neo-realista se afirmou e consolidou como expressão de uma perspectiva cultural e política oposicionista."

Foi neste espaço, físico, contextual e de memórias, que o Departamento de Cultura e Tempos Livres da CGTP-IN, em colaboração com o Museu do Neo-Realismo, apresentou, no passado dia 12 de Janeiro, a 3.^a edição de Marchas, Danças e Canções, de Fernando Lopes-Graça.

Não poderia ser melhor. Não só porque mestre Lopes-Graça poderá ser considerado, na música, como o neo-realista português, assim como os seus autores de referência e com quem partilhou muito do seu, de modo aliás recíproco, percurso e da sua obra, designadamente estas suas *Marchas, Danças e Canções*, são expoentes do movimento neo-realista.

Como não poderia ser melhor a presença, surpreendente para a CGTP-IN, de Arquimedes da Silva Santos, único desses autores ainda vivo.

Feliz a presença, gratificante o testemunho. Privilegiados os que tiveram oportunidade de ouvir, de viva voz, o resultado não só de uma memória prodiosa,

como os escritos de Cochofel e do próprio Graça, dirigidos a Arquimedes e relativos ao que se poderia considerar o princípio de uma obra a que se viria a denominar *Marchas, Danças e Canções* e para a qual apelavam à sua participação. Trabalho criativo, empenhado e imbuído de cumplicidades.

Momentos raros estes. Gratificantes, pelas memórias que o espaço e os espólios nos trazem e, como neste caso, pelo testemunho presencial de um "actor" do vivido.

Um pouco antes e os organizadores desta 3.^a edição teriam enveredado por outro caminho. Talvez. Abriu-se, contudo, caminho para a 4.^a edição.

Não deixamos, no entanto, de considerar que, em boa-hora, a CGTP-IN decidiu realizar esta 3.^a edição, com esta dimensão, com esta matriz.

Julgamos estar a prestar uma excelente homenagem ao mestre Lopes-Graça. Desta vez são os trabalhadores a retribuir o carinho e o empenho solidário que Fernando Lopes-Graça dedicou, durante décadas, às suas causas e anseios. Agora são os trabalhadores a agradecer o legado, a homenageá-lo e a, como certamente gostaria, cantá-lo porque a mantê-lo vivo. Entre nós.

Carlos Galiza

CONCURSO CONTO E POESIA

O júri do concurso de Conto e Poesia, constituído por Urbano Tavares Rodrigues, Domingos Lobo, José Carlos Vasconcelos, Paulo Sucena e Fernando Gomes (representante da CGTP-IN), seleccionou os respectivos premiados, menções honrosas e um conjunto de textos para publicação.

O júri apreciou 330 obras a concurso (163 de conto e 167 de poesia), aceites pela organização, a que correspondiam 240 concorrentes.

De destacar a assinalável participação brasileira (16%), com a maioria dos estados representados, e alguns concorrentes portugueses que nos enviaram os seus trabalhos a partir da França, Suíça e Reino Unido. Todos os distritos portugueses ficaram representados, sendo a maior parte dos participantes oriunda da região de Lisboa (39%).

Após uma primeira apreciação, o júri decidiu levar a uma análise final 50 obras (25 de conto e 25 de poesia). Esta baseou-se no preceituado definido no regulamento do concurso e nos seguintes critérios: qualidade literária, originalidade, capacidade criativa, riqueza da linguagem.

O conto vencedor intitula-se *Teresa*, de Joaquim Carvalho, Ribeira de Pena, cabendo o primeiro prémio em poesia ao trabalho intitulado *Um Outro Livro de Job*, de João Coelho, S. Domingos de Rana.

Ao autor do conto premiado será atribuído o valor de 750.00€, mais 5 noites para duas pessoas em regime de meia pensão no Centro de Férias do INATEL, em Albufeira.

O primeiro prémio de poesia receberá igualmente um valor de 750.00€, mais 5 noites para duas pessoas em regime de alojamento e pequeno almoço no INATEL/Estalagem do Piódão.

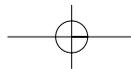
EQUIPA DE FUTSAL DA CGTP-IN

Informam-se todos os camaradas que o departamento de Cultura e Tempos Livres da CGTP-IN está a constituir uma equipa de futsal que represente a CGTP-IN, procurando, deste modo, promover a prática de actividades desportivas e iniciativas que estimulem uma interacção com novos públicos, contribuindo para a divulgação da sua actividade. O departamento pretende, igualmente, fomentar a interacção e convívio entre os trabalhadores associados ao MSU, por um lado, e entre estes e a sociedade em geral.

Neste momento procede-se à selecção dos elementos que integrarão a equipa, tendo-se dado início a um período de treinos, que têm lugar todas as quintas-feiras, entre as 20h30 e as 22h, no campo do Grupo Desportivo Fonseca e Calçada, Lisboa.

Os interessados deverão entrar em contacto com Filipe Caldeira

(213 236 500; filipe.caldeira@cgtp.pt)



DEPARTAMENTO DE CULTURA E TEMPOS LIVRES DA CGTP-IN



CULTURA, DESPORTO E TEMPOS LIVRES - "MSU"



Actividade cultural

- Exposição de Pintura a óleo, de Miguel Marquis Garcia, até 16 de Fevereiro;
- Exposição de Fotografia I "Água", de Felizarda Barradas, de 19 de Fevereiro a 14 de Março;
- Exposição de Fotografia II " Lagoal", de Felizarda Barradas, de 8 de Maio a 2 de Junho;

Protocolos:

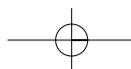
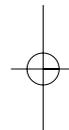
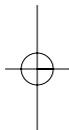
- Teatro da Malaposta
| 50% de desconto;

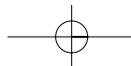
Inclui: teatro, concertos, sessões de declamação de poesia, exposições, ciclos de cinema, tertúlias, programação infantil.

- Museu de Electricidade/ Fundação das Comunicações
| Entradas gratuitas para os sócios.

Contactos (sede):

R. Fialho de Almeida, 3
1070-128 Lisboa
Tel. 213 819 100
barbaracunha@spgl.pt
<http://www.spgl.pt>





DEPARTAMENTO DE CULTURA E TEMPOS LIVRES DA CGTP-IN

CARTÃO CGTP: ACORDOS CELEBRADOS

Companhia de Teatro de Almada

Teatro Municipal de Almada
Av. Prof. Egas Moniz, 2804-503 Almada
50%

A Barraca, Companhia de Teatro

Largo de Santos, 2, 1200-808 Lisboa
Tel: 21 396 53 60 – Fax: 21 395 58 45
E-mail: barraca@mail.telepac.pt – URL: <http://www.abarraca.com/>
25%

A Escola da Noite, Grupo de Teatro de Coimbra

Rua Pedro Nunes - Oficina Municipal do Teatro
Quinta da Nora, 3030-199 Coimbra
Tel: 23 971 82 38 – Fax: 23 970 53 67 – Telemóvel: 96 630 24 88
E-mail: geral@aescoladanoite.pt – URL: <http://www.aescoladanoite.pt/>
20%

A Jangada, Cooperativa Profissional de Teatro

Quinta das Pocinhas, 4020 Lousada
10%

ACTA, A Companhia de Teatro do Algarve

Escritório: Rua Antero de Quental, 119 8000-210 Faro
Estúdio: Rua Cunha Matos, 23, 8000-262 Faro
Tel: 28 987 89 08/28 988 27 03 Fax: 28 988 27 04
E-mail: geral@actateatro.org.pt – URL: <http://www.actateatro.org.pt/>
30%

Aquilo Teatro

Largo do Torreão s/n, Apartado 134, 6301 Guarda
Tel. e fax: 27 122 24 99 – E-mail: aquilo.teatro@sapo.pt
50%

Cena Aberta, Companhia Teatral de Santarém

Largo Padre Francisco Nunes da Silva, n.º 3, 2000-134 Santarém
Tel: e fax: 24 332 88 54 – Telemóvel: 91 985 05 90 (Alexandra Baptista)
E-mail: cena.aberta@mail.telepac.pt
30%

CENDREV, Centro Dramático de Évora

Teatro Garcia de Resende, Praça Joaquim António de Aguiar, 7000 Évora
Tel: 26 670 31 12; 26 674 11 81 – E-mail: cendrev@mail.evora.net
URL: <http://www.evora.net/cendrev/>
30%

Chão de Oliva, Companhia de Teatro de Sintra

Rua Veiga da Cunha, 20, 2710-627 Sintra
Tel: 21 923 37 19 – Fax: 21 923 14 46 – Telemóveis: 91 220 63 84;
91 616 86 39 – E-mail: chaodeoliva@chaodeoliva.com
50%

Chapitô, Colectividade Cultural e Recreativa de Santa Catarina

Costa do Castelo, n.º 1/7, 1149-079 Lisboa
Tel: 21 885 55 50 – Fax: 21 886 14 63 – E-mail: mail@chapito.org
URL: <http://www.chapito.org/#>
25% – “Drákula”, de 10 Jan. a 2 Mar.

CiRAC, Círculo de Recreio, Arte e Cultura de Paços de Brandão

Av. da Sobreira, 4538-251 Paços de Brandão
Tel: 22 744 86 25
15%

Companhia de Teatro de Braga

Teatro Circo, Av. da Liberdade, 697, 4710-251 Braga
Tel: 25 321 71 67; 25 326 24 03 – Fax: 25 361 21 74
E-mail: ctb@mail.telepac.pt; info@ctb.pt – URL: <http://www.ctb.pt/>
0%

Comuna, Teatro Pesquisa

Praça de Espanha, 1070-024 Lisboa
Tel: 21 722 17 70/6 – Fax: 21 722 17 71
E-mail: geral@teatrocomuna.pt
URL: <http://www.comunateatropesquisa.pt/>
50%

Ensemble, Sociedade de Actores

Trav. da Telheira - Telheiró Avioso (Santa Maria)
Tel: 22 982 63 18

Lua Cheia, Teatro Para Todos

Rua da Casquilha, 16, 7.º Dto 1500-152 Lisboa
Tel: 21 443 05 91; 96 604 64 48 (Ana Enes) – Fax: 21 009 34 44
E-mail: teatro@luacheia.pt – URL: <http://www.luacheia.pt/>
15% – “À procura do ó-ó perdido”, de Pascal Sanvic, de 8 a 27 Janeiro,
Museu da Marioneta

Marionetas, Actores e Objectos Grupo de Teatro

Largo de São Domingos, 46 r/c 4900-330 Viana do Castelo
Telemóvel: 96 459 63 13 (Carla Magalhães)
E-mail: marionetas.viana@gmail.com; marionetas_viana@hotmail.com
URL: <http://www.teatrinho.com.pt/>
50%

Quarta Parede, Associação de Artes Performativas da Covilhã

Rua Celestino David, lote 4, r/c dto, 6200-072 Covilhã
Tel. e fax: 27 533 56 86 Telemóvel: 96 978 53 13; 96 901 42 54
E-mail: qp@quartaparede.com – URL: <http://www.quartaparede.com/>
40%

Teatro 3 EM PIPA, Associação de Criação Teatral e Animação Cultural

Monte Novo do Serrinho, Apartado 150 - 7630 Odemira
Tel: 28 338 66 49 – Fax: 28 338 66 49 – Telemóvel: 96 233 94 69
E-mail: 3empipa@sapo.pt – URL: <http://www.teatro3empipa.com/>
20%

Teatro Art'Imagem

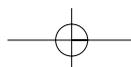
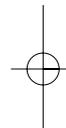
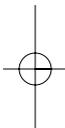
Rua da Picaria, 89, 4050-478 Porto
Tel: 22 208 40 14 – Fax: 22 208 40 21 – E-mail: producao@teatroartimagem.org
URL: <http://www.teatroartimagem.org/>
30% – Oficina de Teatro da Maia, inscrições até 11 Fev.

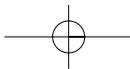
Teatro Casa da Comédia, Filipe Crawford Produções Teatrais

Rua São Francisco de Borja, n.º 22, 1200-843 Lisboa
Tel: 21 395 94 17/8 – Fax: 21 395 94 19
E-mail: casadacomedia@mail.telepac.pt
URL: <http://www.filipecrawford.com>
Desconto conforme a época teatral

Teatro d'O Semeador, Teatro de Portalegre

Convento de Santa Clara Apartado 264
7300-901 Portalegre
Tel: 24 520 78 94
25%





Teatro da Cornucópia, Teatro do Bairro Alto

Rua Tenente Raúl Cascais, 1-A 1250-268 Lisboa
 Tel: 21 396 15 15; 21 396 92 05 – Fax: 21 395 45 08
 E-mail: info@teatro-cornucopia.pt
 URL: <http://www.teatro-cornucopia.pt/htmls/home.shtml>
 20% – “A Floresta”, de Alexandre Ostróvski, de 10 Jan. a 17 Fev.

Teatro da Garagem, Teatro Taborda

Costa do Castelo, 75, 1100-178 Lisboa
 Tel: 21 885 41 90 – Fax: 21 868 85 50
 E-mail: geral@teatrodagaragem.com
 URL: <http://www.teatrodagaragem.com>
 50% – “Pobre Gente”, de Cristiana Castro e Vanda Cerejo, 8 a 16 Mar.;
 “A Direcção do Sangue”, de John Romão, de 19 a 30 Mar.

Teatro das Beiras

Travessa da Trapa, 2, Apartado 261, 6201-909 Covilhã
 Tel: 27 533 61 63 – Fax: 27 533 45 85 – Telemóvel: 96 305 59 09
 E-mail: geral@teatrodasbeiras.pt
 URL: <http://www.teatrodasbeiras.pt/home.asp>
 40%

Teatro de Animação de Setúbal

Forum Municipal Luísa Todi, 2900 Setúbal
 Tel: 26 553 24 02 – Fax: 26 522 91 30 – E-mail: tas.setubal@netcabo.pt
 25%

Teatro de Marionetas do Porto

Rua de Belomonte, 57, 4050-097 Porto
 Tel: 22 208 33 41 – Fax: 22 208 32 43
 E-mail: teatro@marionetasdoporto.pt
 URL: <http://www.marionetasdoporto.pt>
 20% – “Óscar”, 9 a 17 Fev., Auditório da Biblioteca Municipal Ameida
 Garrett [ABMAG]; “Polegarzinho”, 23 Fev. a 2 Mar., ABMAG;
 “Os Três Porquinhos”, 8 a 19 Mar., Café-Teatro da ESMAG;
 “Capuchinho Vermelho”, de 2 a 6 Abr., Maus Hábitos;
 “História da Praia Grande”, 12 a 20 de Abr., ABMAG;
 “A Cor do Céu”, de 3 a 11 Maio, Balleateatro Auditório

Teatro do Bolhão, Academia Contemporânea do Espectáculo

Praça Coronel Pacheco, n.º 1 4050-453 Porto
 Tel: 22 208 90 07 – Fax: 22 208 00 52
 E-mail: teatrodobolhao@ace-tb.com
 50% – “A Fada Oriana”, de Sophia de Mello Breyner,
 a partir de Dezembro 2007

Teatro do Noroeste

Teatro Municipal Sá de Miranda Rua Sá de Miranda,
 4900 Viana do Castelo
 Tel: 25 882 28 05 – E-mail: teatro-municipal@cm-viana-castelo.pt
 URL: <http://www.cm-viana-castelo.pt/teatro/noroeste.htm>
 50%

Teatro dos Aloés, Companhia Profissional de Teatro

Rua António Ferreira n.º 1 - 9.º Dto, 2700-134 Santarém
 50%

Teatro Experimental de Cascais

Teatro Municipal Mirita Casimiro Av. Marechal Carmona, 6 B
 Tel: 21 467 03 20 – Fax: 21 483 21 86
 E-mail: t.e.c@netcabo.pt – URL: <http://www.tecascais.org/#50%>

Teatro Extremo

Rua Serpa Pinto, n.º 16, Apartado 124, 2801-801 Almada
 Tel: 21 274 22 20; 21 272 36 60 (Escritório)
 Fax: 21 272 36 69 (Escritório) – E-mail: teatro@teatroextremo.com
 URL: <http://www.teatroextremo.com/te.htm>
 25%

Teatro Infantil de Lisboa

Rua Tereiro do Trigo, n.º 66, 5.º C, 1100-604 Lisboa
 Tel: 21 886 05 03; 21 715 40 57 (Bilheteira)
 Fax: 21 887 25 58 – E-mail: info@til-tl.com
 URL: <http://www.til-tl.com/>
 7,00€ de desconto por bilhete

Teatro Nacional São João

Praça da Batalha, 4000-102 Porto
 Linha verde: 800 10 8675 – Tel: 22 340 19 00 – Fax: 22 208 83 03
 E-mail: geral@tnsj.pt – URL: <http://www.tnsj.pt>
 5€ na compra de bilhetes para os espectáculos do TNSJ, para lugares
 de Plateia (também no Teatro Carlos Alberto) e Tribuna; 50%,
 incluindo acompanhante, mediante aquisição dos bilhetes
 com 48 horas de antecedência.
 “O Café”, de Carlo Goldoni, de 25 Jan. a 24 Fev.

Teatro o Bando

Vale de Barris, Apartado 152, 2950-055 Palmela
 Tel: 21 233 68 50 – Fax: 21 233 42 41
 E-mail: geral@obando.pt – URL: <http://www.obando.pt/>
 Preço único de 5€

Teatro Pé de Vento, Colectivo de Animação Teatral

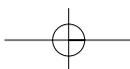
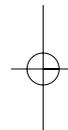
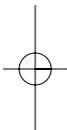
Rua da Vilarinha, 1386, 4100-513 Porto
 Tel: 22 610 89 24 – E-mail: pevento@clix.pt
 50%

Teatroesfera

Rua Cidade Desportiva, 2745-012 Queluz
 Tel: 21 430 34 04; Fax: 21 430 17 57; E-mail: geral@teatroesfera.com;
 URL: <http://www.teatroesfera.com>
 50%

Te-ato: Grupo Teatro de Leiria

Rua Pedro Nunes, 15 (ao Terreiro) Apartado 1066 – 2401-801 Leiria
 Tel./fax: 24 482 84 79; Telemóvel: 96 290 43 85; E-mail:
 teatroleiria@gmail.com ; te-ato@alcachofra.net ;
 URL: <http://www.alcachofra.net/Te-Ato/>
 30%



Almada *informa*



Ruy de Carvalho na Mostra de Teatro de Almada

Ruy de Carvalho estará presente na Abertura da Mostra de Teatro de Almada, dia 8 de Fevereiro. Como convidado de honra desta 12ª edição, Ruy de Carvalho irá partilhar experiências, e vivências em conversa com o público. Venha conhecê-lo e conversar com este ícone da representação, nome incontornável do Teatro Nacional, do Cinema e da Televisão. Comunicação Social, público de Teatro e todos os interessados estão convidados para sessão de Abertura da Mostra, no Auditório do Fórum Romeu Correia, às 21h30m. Entrada livre. A iniciar e a finalizar a sessão, haverá animações em ambiente de festa com as gaitas de foles dos "Rincos do Diabo" e dezenas de artíscas das artes performativas, música e vídeo.

ESTREIA
Amãenhacer
 Armadilha
 Associação de Teatro e Música com Cultura
 de António Rocha
 10 de Fevereiro 11h30, 15h00, 16h15
 Auditório Fernando Lopes-Graça
 17 de Fevereiro 15h00, 16h15
 Sala de Ensaios - Teatro Municipal de Almada

A vertigem da falésia
 GITT - Grupo de Iniciação Teatral da Trafaria
 de Carlos Alfredo Amaral
 10 de Fevereiro 16h00
 Sala de Ensaios - Teatro Municipal de Almada

Paixões Veniais
 OTA - Oficina de Teatro de Almada
 de Fernando Rebelo
 a partir de Paixões Venéreas de Juan José Millás
 10 de Fevereiro 21h30
 Casa Municipal da Juventude de Cadilhas

Feliz Aniversário
 Ninho de Viburoras
 de Harold Pinter
 12 de Fevereiro 21h30
 Sala de Ensaios - Teatro Municipal de Almada

Bonifácio do Paraíso
 Teatro da Costa
 de Carlos G. Melo
 13 de Fevereiro 21h30
 Teatro Extremo

Land Escape
 Murmúrio
 14 de Fevereiro
 Sessões contínuas entre as 20h00 e as 23h00
 Casa Municipal da Juventude de Cadilhas

Maria Curie
 Teatro Extremo
 de Mira Michalowska
 15 de Fevereiro 21h30
 Teatro Extremo

ESTREIA
O Fazedor de Vidas
 A Menina dos Meus Olhos, Associação Cultural
 de Angela Ribeiro
 16 de Fevereiro 16h00
 Auditório Fernando Lopes-Graça

Mr. Pipon, cabaret internacional
 Associação Crème de la Crème
 de Andreas Piper
 16 de Fevereiro 21h30
 Auditório Fernando Lopes-Graça

ESTREIA
Huis Clos (Sem Saida)
 O Grito
 de Jean-Paul Sartre
 17 de Fevereiro 21h30
 Auditório Fernando Lopes-Graça

Bicho
 Utero
 de Miguel Moreira
 18 de Fevereiro 21h30
 Espaço Ginjal

ESTREIA
Chez Kantor
 NNT - Novo Núcleo de Teatro da FCT
 a partir de Tadeusz Kantor
 19 de Fevereiro 21h30
 Ginjal

A Perca
 Teatro da Costa
 de Carlos G. Melo
 21 de Fevereiro 21h30
 Auditório Fernando Lopes-Graça

ESTREIA
Teoria Geral dos Maridos
 Teatro de Areia
 Associação Cultural "O Mundo do Espectáculo"
 de Sarah Adamopoulos
 22 de Fevereiro 21h30
 Auditório Fernando Lopes-Graça

Pedro e o Lobo
 Teatro Extremo
 A partir de Esopo e de Serguei Prokofiev
 23 de Fevereiro 16h00
 Auditório Fernando Lopes-Graça

ESTREIA
Tontos
 Ninho de Viburoras
 a partir de "Cigarettes and Chocolate"
 de Anthony Minghella e outros textos
 23 de Fevereiro 16h00
 Espaço Ginjal

ESTREIA
Noite de Poesia Inesiana
 Teatro de Papel
 de Amónio Ferreira
 23 de Fevereiro 21h30
 Convento dos Capuchos

ESTREIA
Morte e Vida Severina
 Teatro & Teatro
 Associação Cultural "O Mundo do Espectáculo"
 de João Cabral de Melo Neto
 24 de Fevereiro 21h30
 Auditório Fernando Lopes-Graça

WWW.ALMADADIGITAL.PT

